

**Autor:**

Paulo Morgado e Cunha

[up201403129@letras.up.pt](mailto:up201403129@letras.up.pt)

**Título:**

«Batalhas fundacionais»: da Estória do Santo Graal à Crónica de D. João I, de Fernão Lopes

**Resumo:**

Conhecido desde há muito como sendo o escritor da Idade Média portuguesa que mais referências faz ao romance arturiano, Fernão Lopes, na sua crónica dedicada aos eventos que levam D. João I ao poder, poderá ter tido como modelo para a narrativa da batalha de Aljubarrota o extenso relato dessa verdadeira batalha fundacional, presente na *Estória do Santo Graal*, onde o rei Evalac, depois Mordaim, derrota Tolomer, dando origem ao surgimento do primeiro reino cristão do Oriente. O estudo agora apresentado propõe-se identificar os vários momentos em que a crónica portuguesa poderá revelar essa dívida para com o texto do ciclo arturiano.

**Palavras-chave:**

Fernão Lopes; *Crónica de D. João*; ciclo arturiano; *Estória do Santo Graal*; acha; cruz vermelha.

**Abstract:**

Fernão Lopes is accepted to be the Portuguese medieval writer who in his works makes the most to the Arthurian Novels. The narrative of the Battle of Aljubarrota, included in the chronicle dedicated to the events that brought John I to power, might have been modelled on the *Estoria do Santo Graal's* battle, in which King Evalac, and subsequently Mordaim, defeat Tolomer. This truly foundation battle paved the way for the constitution of the first Christian Kingdom of the East. This article wants to identify the different segments of the Portuguese Chronicle in which the influence of the text belonging to the Arthurian Cycle is visible.

**Keywords:**

Fernão Lopes; D. João I chronicle; Arthurian prose cycle; *Estória do Santo Graal*; acha; red cross.

**Como citar este artigo:**

Paulo Morgado e Cunha, “«Batalhas fundacionais»: da Estória do Santo Graal à Crónica de D. João I, de Fernão Lopes”, in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 2, 2017, pp. 19-40.

DOI: 10.21747/21839301/gua2a2

**«BATALHAS FUNDACIONAIS»:  
DA ESTÓRIA DO SANTO GRAAL À CRÓNICA DE D. JOÃO I, DE FERNÃO LOPES**

Paulo Morgado e Cunha  
Mestrado de Estudos Medievais  
Universidade do Porto

Fernão Lopes é, entre os autores medievais portugueses, o que mais vezes faz referências explícitas e implícitas à matéria arturiana<sup>1</sup>. No entanto, ainda não existem trabalhos acerca do aproveitamento por este autor de matérias incluídas no livro inicial do Ciclo em Prosa, a *Estoria do Santo Graal*. Um dos pontos de contacto mais evidentes entre as duas obras encontra-se nas batalhas "fundacionais" (ou centrais) de cada uma: a batalha entre o Rei Evalac e o Rei Tolomer e a de Aljubarrota, narrada na segunda parte da Crónica de D. João I. Neste artigo pretendo compreender melhor a interação entre estes dois relatos.

Em primeiro lugar, é necessário fazer uma pequena nota acerca dos textos utilizados para o presente trabalho. A edição a ser utilizada para a *Estoria do Santo Graal* é baseada no manuscrito 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, editada num esforço coletivo dirigido por José Carlos Ribeiro Miranda<sup>2</sup>. Já para a Crónica de D. João I a situação é mais complexa. Ao contrário da ESG, da qual se apenas conhece um manuscrito completo, esta possui vários, estando ainda por fazer uma edição crítica com base em todos os testemunhos conhecidos. Portanto, as duas utilizadas no presente trabalho serão a de M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Bastos<sup>3</sup> e a de W. J. Entwistle<sup>4</sup>. Estas são concordantes no que diz respeito a matéria nelas contidas<sup>5</sup>, sendo

---

<sup>1</sup> Sobre a utilização de matéria arturiana por Fernão Lopes veja-se o trabalho de Miranda (2013) e a bibliografia aí citada.

<sup>2</sup> Utilizamos a edição da *Estoria do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)* dirigida por José Carlos Ribeiro Miranda com Ana Sofia Laranjinha, Isabel Correia, Simona Ailenii e Eduarda Rabaçal, publicada em 2016, daqui em diante referida como ESG.

<sup>3</sup> Esta edição, realizada em 1990, está baseada no códice manuscrito CIII/I-10 da Biblioteca Pública de Évora juntamente com a edição impressa de 1644 e os códices 187 e 784 da Biblioteca Pública Municipal do Porto e um códice (não descrito pelo editor) da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Será doravante referida como CDJ, 1990 para a distinguir da outra edição utilizada.

<sup>4</sup> Edição baseada nos manuscritos Add Mss. 20946, da British Library, e 365 da Torre do Tombo editado em 1898. Esta será referido como CDJ, 1977.

<sup>5</sup> Pelo menos nos excertos aqui analisados. Não cabe no espectro desta análise fazer uma leitura comparada entre os dois na sua íntegra.

que as principais diferenças entre uma e outra edição são ditadas pelos critérios de transcrição, sobretudo no que toca a utilização da pontuação por Entwistle. O critério deste é menos arcaizante que o de Lopes de Almeida e Magalhães Bastos, resultando num texto de leitura mais simples. Outra diferença, mais significativa, deve-se a que a edição de 1990 aglutina num só o primeiro e o segundo capítulo da de 1977. No entanto, o texto da carta contida nesse segundo capítulo está integralmente copiado. Esta diferença leva a que a numeração dos capítulos se encontre desfasada de uma edição para a outra, embora o conteúdo seja o mesmo. De aqui em diante, irei transcrever um excerto apenas de uma das edições, indicando onde se localiza na outra, exceto nos casos em que as diferenças não sejam apenas ditadas pela transcrição.

Para averiguar se as imagens, e outras particularidades narrativas por nós salientadas, são estritamente da lavra de Fernão Lopes, utilizarei, quando necessário, edições das crónicas de Froissart<sup>6</sup> e de Pero Lopez de Ayala<sup>7</sup>, outros dois cronistas medievais que escreveram sobre a batalha.

Procurando dar uma ideia geral do desenvolvimento das duas batalhas procederei a um breve resumo das mesmas, contextualizado não só as batalhas no seu universo narrativo, mas também os vários episódios que irei aprofundar. Começaremos pelo relato mais extenso, o da batalha entre o Rei Evalac e o Rei Tolomer na *Estória do Santo Graal*.

O relato da batalha em si ocupa apenas por dois capítulos, o IL e o L. Mas como acima mencionei, interessa perceber um pouco dos antecedentes, que em muito ditam o desenrolar do próprio confronto. Este surge após a invasão de Tolomer, que, nos momentos finais do capítulo XXXXV, tinha entrada no reino de Evalac, conquistado uma cidade e cercado o castelo de Balagão/Valachim com uma enorme força<sup>8</sup>. Perante isto, Evalac reúne o seu exército junto de Carabez<sup>9</sup> onde Josefes lhe conta a sua proveniência e recebe a promessa de se converter à fé de Cristo, por parte de Evalac. É neste momento que Josefes pede para lhe trazerem «ũ escudo e um pano vermelho» (ESG, 2016: cap. XXXVI, 69). Deste pano faz uma cruz e prega-a ao escudo, dizendo a Evalac que sempre que visse aquele símbolo deveria dizer «Deus, que por este sinal vemçeste a morte, traze me são e homrado a receber a tua fee!» (ESG, 2016: cap. XXXVI, 69) e que, se o fizesse de bom coração, seria vitorioso no campo de batalha. Profetiza ainda

---

<sup>6</sup> Para a análise de Froissart, as dificuldades encontradas na leitura do texto em francês medieval foram supridas com recurso a uma edição em português traduzido do francês medieval de Ana Sofia Laranjinha e com notas de Mário Jorge Barroca. Esta edição, para além da tradução, também reúne os dois relatos escritos por Froissart, sendo o segundo muitas vezes omissivo em edições deste cronista.

<sup>7</sup> Cf Ayala, *Coronica del serenissimo Rey Don Pedro, hijo del Rey Don Alonso de Castilla [juntamente con la del Rey don Enrrique su hermano y la de don lua[a] primero ... su hijo]*, ano sétimo do reinado de d. Juan, cap. XII-XV, pp. 188-190.

<sup>8</sup> ESG, 2016: cap. XXXV, 66: «que Tolomer entrou em vossa terra com todo seu poder e tomou a vosa forte çidade e toda a terra aderredor a ti. O castelo de Balagão, que cercou com trimta mil cavaleiros e com trezentos e cimcoenta mil homens a pee...».

<sup>9</sup> ESG, 2016: cap. XXXVI, 67: «ũ castelo que era seis legoas dali e seis de Balachim».

que Tolomer o terá sob o seu poder durante três horas, e só depois e que Evalac deveria retirar um pano que, entretanto, colocara por cima do escudo<sup>10</sup>.

Partindo para Valachim, Evalac combate as forças de Tolomer que cercam o castelo, mas sem grande sucesso devido ao número muito superior de homens de Tolomer. A batalha foi muito dura, havendo «mui gram mortandade de homes e cavaleiros» (ESG, 2016: cap. XXXXVII, 70). Evalac, sofrendo pesadas baixas, acaba por se retirar, sendo perseguido por Tolomer. No entanto, as forças de dentro do Castelo saem e derrotam aqueles que tinham ficado<sup>11</sup>. Tanto que, quando Tolomer regressa ao seu campo encontra as suas tendas todas destruídas. Após saber que Evalac se dirigia para a Coina, decide dividir o seu exército em dois, ficando metade a manter o cerco e a outra partiria para derrotar Evalac<sup>12</sup>. Evalac, na Coina, após saber da destruição das tendas de Tolomer, decide partir para combater com este, escapando por pouco ao cerco desta. Decidindo ir para Sarraz, onde estava a sua mulher, encontra-se com Sarafes, seu cunhado, com quem tinha más relações<sup>13</sup>. Juntam as suas forças e partem em direção a Orcaux, onde descansam e reúnem mais homens, recrutados das populações ao redor. Tolomer chegando perto dessa cidade, é surpreendido pelo número de soldados que Evalac tinha, pois contava que fossem menos<sup>14</sup>. É derrotado e obrigado a voltar a Balachim. Evalac persegue-o, dando-se alguns combates numa passagem muito apertada a que depois se dará o nome de "Pena do Samgue"<sup>15</sup>. Do outro lado dessa passagem, Tolomer reúne-se com os que tinham cercado Balachim, preparando-se para a batalha, que desta vez, viria a ser decisiva.

Começando Evalac por dividir o seu exército em 4 divisões, designadas por batalhas, confia a primeira a Sarafes, a segunda ao seu mordomo, a terceira a um sobrinho e a quarta seria comandada por ele. Decide ainda enviar Geçoines, um seu cavaleiro a guardar a passagem da "Pena do Samgue" com os da cidade<sup>16</sup>. Tolomer, vendo isto, divide os seus homens em oito batalhas, ordenando que cada uma de Evalac fosse atacada por duas das suas<sup>17</sup>. Assiste-se então ao discurso de Evalac aos seus

---

<sup>10</sup> ESG, 2016: cap. XXXXVI, 69: «Emtão cobrio a cruz e o escudo de um pano e dise: verdade é provada e nom pode ser estorvada que Tolomer, teu imiguo, averá sobre ti poder tres oras (...) Emtão descubre a cruz!».

<sup>11</sup> ESG, 2016: cap. XXXXVII, 70: «combaterom se com aqueles que guardavão as temdas e desbaratarão os e levarão quamto quiserão e quebrarão as temdas».

<sup>12</sup> ESG, 2016: cap. XXXXVII, 71.

<sup>13</sup> ESG, 2016: cap. XXXXVIII, 72: «E el rei oulhou e vio que era um seu cunhado que se dezia Sarafes, que era ù dos homens do mumdo que ele cuidava que pior queria...».

<sup>14</sup> ESG, 2016: cap. XXXXVIII, 73-74.

<sup>15</sup> ESG, 2016: cap. XXXXVIII, 74: «que depois ouve aquela pena nome a Pena do Samgue, por o muito samgue que por tempos aí jouve daquela gramde morte.».

<sup>16</sup> ESG, 2016: cap. IL, 75.

<sup>17</sup> ESG, 2016: cap. IL, 75: «Asi ordenou que duas batalhas das suas fosse comtra cada batalha de el rei Ebalac».

cavaleiros, onde este frisa a importância da valentia e da coragem para os seus homens, pois defrontavam uma força muito superior, mas que a honra ganha em tal batalha seria muito maior:

«Senhores, vós bem vedes como vos há mister de serdes bõos que, por um que nós temos, tem eles tres. Mas tanto é que vos deveis de confortar e dar mui gram ardimento que temos direito, e eles a gram torto vem sobre nós. E fazei como bons e será a vitorea e a omra da batalha vosa...»<sup>18</sup>.

Terminado o discurso, dá-se início à batalha, com duas divisões de Tolomer a combater contra a de Sarafes, que inicia aqui as suas proezas. Evalac, vendo o seu mal-amado cunhado fazendo tais esforços, promete que se este e ele sobrevivessem à batalha lhe daria todas as mercês devidas a tão grande cavaleiro<sup>19</sup>. Pede então a Deus que o guarde, o que, segundo o narrador da ESG, foi cumprido<sup>20</sup>.

Entretanto, Sarafes e os seus, após quebrarem as lanças e tomarem as armas de combate corpo-a-corpo, as espadas e os machados, tendo o comandante guerreiro em cada mão uma «acha davesa»<sup>21</sup>. Com estas fazia grandes demonstrações de valor cavaleiresco, acreditando ser protegido pelos seus deuses<sup>22</sup>, obrigando os homens de Tolomer a recuar. Este, vendo-os em retirada, ordena que outras duas batalhas atacassem a de Sarafes, sendo que se não fosse a valia deste, os seus teriam retirado<sup>23</sup>. Entretanto é narrado como o mordomo de Evalac tenta com os seus homens chegar perto do Rei Tolomer. Contudo, apenas uma pequena parte dos soldados consegue chegar ao seu objetivo, sendo que o seu comandante é derrubado e morto, enquanto Evalac tentava ir em seu auxílio<sup>24</sup>.

Depois de uma dura batalha, o exército de Tolomer começa a retirar, ordenando este que a sua bandeira avance. Aqui termina o capítulo IL, começando o seguinte por descrever as muitas "maravilhas" que Sarafes fazia<sup>25</sup>. Tolomer, ouvindo das proezas

---

<sup>18</sup> ESG, 2016: cap. IL, 75-76.

<sup>19</sup> ESG, 2016: cap. IL, 76: «Ai, meu amigo Sarafes, pois tu oje me és tão bom amigo, nom moura eu ata que venha tempo que reças gualardão, porque por mim fazes mais do que devias que numca o eu mereçi...».

<sup>20</sup> ESG, 2016: cap. IL, 76: «E se guarde oje o corpo a Serafes (...) Que vos direi? Tão azinha como el rei isto a Deos pedio loguo Noso Senhor asi lho outorgou...».

<sup>21</sup> ESG, 2016: cap. IL, 77: «Achas davesas, que nós chamamos «cunhes», outros que chamam «framças» (...) que trazia em ambas as maos ãa acha davesa...».

<sup>22</sup> ESG, 2016: cap. IL, 77: «mas ele cuidava que por os seus deoses lhe vinha tal poder...».

<sup>23</sup> ESG, 2016: cap. IL, 77-78.

<sup>24</sup> ESG, 2016: cap. IL, 79.

<sup>25</sup> ESG, 2016: cap. L, 80-82.

deste cavaleiro, ordena que Mamter, seu irmão, o vá atacar com sua "az"<sup>26</sup>. Os homens de Sarafes, agora reduzidos a vinte, não conseguem resistir à pressão, sendo afastados do campo de batalha pela distância de "um tiro de besta". Sarafes, vendo estes fugir, dá um golpe a Mamter com tal força que «ata os peitos o femdeo» (ESG, 2016: cap. L, 81). Os homens de Tolomer, apercebendo-se dos poucos homens que defendiam Sarafes, voltam a atacar, matando o cavalo deste, que cada vez fica mais isolado, acabando por ficar rodeado pelos inimigos. Matando um cavaleiro e tomando-lhe o cavalo, tenta de novo juntar-se a batalha principal, mas os inimigos tornam a matar a sua montada e a derrubá-lo. Antes de se conseguir levantar, 300 cavalos passam sobre ele<sup>27</sup>. Erguendo-se e tomando de novo a acha na mão, mata de novo um cavaleiro, indo no cavalo deste combater aqueles que antes o tinham julgado morto<sup>28</sup>. É neste momento atingido com gravidade por um «dardo quadrado» na «espada esquerda», sendo esta atravessada pelo dardo<sup>29</sup>. Mesmo ferido, continua o combate, voltando as suas linhas de combate, que lhe pareceram «mui coitadas» porque "nom viam seu senhor"<sup>30</sup>.

Como mais a frente será descrito, Evalac tinha sido capturado. Procurando trazer de novo ânimo as tropas do seu cunhado, Sarafes ataca as forças de Tolomer. Vendo o seu Rei a pé com doze cavaleiros e rodeado por 500, tenta ir em seu auxílio, jurando «antes no campo morrer que perder el rei» (ESG, 2016: cap. L, 83). Evalac, entretanto, tinha sido ferido por três golpes de lança e perdido muito sangue, sendo que Tolomer o leva para um mato, a cerca de meia légua da batalha. Aí, vendo que a sua morte seria iminente, Evalac destapa o escudo, vendo-se nele «ũu homem crucificado que parecia que por os pes e mãos deitava sangue» (ESG, 2016: cap. L, 84). Reza então e pede a Deus que lhe permita sobreviver para se tornar cristão<sup>31</sup>. Vê surgir do mato «ũu cavaleiro todo armado, o elmo emlazado e o escudo como um cristal, e nele de vermelho ãu sinal de ãa cruz» (ESG, 2016: cap. L, 84). É através da ação deste que Evalac se liberta e, com o seu auxílio e dos que com Geçoinos guardavam o "passo", capturam Tolomer<sup>32</sup>, sendo enviado com este último e cem cavaleiros para a cidade. Reunindo-se com as suas tropas, Evalac parte para regressar a batalha, vendo o Cavaleiro Branco com uma lança e pendão ir socorrer Sarafes, que se encontrava rodeado por sete cavaleiros. Embora os inimigos tenham sido desbaratados, este caiu no chão, devido a grande perda de

---

<sup>26</sup> É a única referência a esta designação militar, que iremos encontrar mais frequentemente em Fernão Lopes. É impossível determinar qual a relação entre uma "az" e uma "batalha", sabendo apenas que a primeira representa uma provável subdivisão da segunda.

<sup>27</sup> ESG, 2016: cap. L, 82: «E antes que se levamtaisse, bem trezemtos cavalos sobre ele passaram...».

<sup>28</sup> ESG, 2016: cap. L, 82: «deixou se ir a ferir aqueles que no campo o viram como morto jazer...».

<sup>29</sup> ESG, 2016: cap. L, 83.

<sup>30</sup> ESG, 2016: cap. L, 83.

<sup>31</sup> ESG, 2016: cap. L, 84: «Meu senhor espiritual, de cuja morte eu trago sinal, leva me daqui são pera que eu seja cristão e pera que toda minha terra meta na Tua samta fee, pera que aos outros mostres por mim que és Deos verdadeiro e de todo poderoso, asi como me dise Josefes...».

<sup>32</sup> ESG, 2016: cap. L, 84-85.

sangue<sup>33</sup>. Evalac, depois de ser amparado pelo Cavaleiro Branco, vai ao encontro do seu cunhado, levando-lhe uma montada que retirara a um cavaleiro inimigo. Chamando-lhe agora de amigo, entrega-lhe o cavalo<sup>34</sup>. Agradecido, Sarafes apenas lamenta não ter a sua acha. Então o Cavaleiro Branco dá-lhe uma acha, descrita como muito melhor que a dele, e declarando-lhe: «Sarafes, toma esta acha que Jhesuu Cristo te mamda!»<sup>35</sup>.

Assim, os três retornam a batalha, onde reorganizam as tropas em duas "batalhas", uma para Evalac e a outra para Sarafes, dando o primeiro ordem para que o segundo apenas atacasse pela retaguarda quando ele já o tivesse feito<sup>36</sup>. Gritando que tinham capturado o Rei, prosseguem a batalha<sup>37</sup>. Os homens de Tolomer, vendo o seu monarca perdido, combatem o melhor que podem, mas ao retirarem, voltam a "Pena do Samgue" onde os cem cavaleiros de Evalac os apanharam de surpresa, sendo que dos 40 mil homens de Tolomer, apenas dois mil escaparam<sup>38</sup>.

Terminada a primeira batalha, resumirei agora a narrativa de Fernão Lopes, sendo esta mais curta que da ESG. No entanto, são nos dados muitos mais detalhes sobre a disposição das tropas e dos comandantes, ocupando-se com estes os diversos capítulos que a antecedem. Começa o cronista por relatar os vários "conselhos" que cada um dos Reis teve sobre se havia de se dar batalha ou não, acabando ambos por decidir que sim<sup>39</sup>. Depois deste longo processo, passa a descrever quantos homens cada um dos lados possuía, criticando os outros cronistas que sobre a batalha escreveram por não darem os números verdadeiros. Diz que D. João I tinha mil e setecentas "lanças", oitocentos besteiros e quatro mil homens a pé. Já o contingente castelhano tinha seis mil "lanças" entre franceses e gascões, dois mil "genetes", oito mil besteiros e quinze mil homens a pé<sup>40</sup>. De seguida é descrita a forma como os exércitos se dispuseram no campo de batalha, e quem comandava. Os portugueses são divididos em duas azes e duas alas: a primeira az, a vanguarda, era capitaneada por Nuno Álvares Pereira e tinha seiscentas "lanças"<sup>41</sup>; a ala direita, designada por "Ala dos Namorados", era comandada por Mem Rodrigues e Rui Mendes de Vasconcelos, sendo constituída por duzentas "lanças"; na

---

<sup>33</sup> ESG, 2016: cap. L, 85: «e Sarafes ficou mui quebrantado e fraco do muito samgue que perdera, e caio no chãao».

<sup>34</sup> ESG, 2016: cap. L, 85: «Amigo meu, tomade este cavalo!».

<sup>35</sup> ESG, 2016: cap. L, 86.

<sup>36</sup> ESG, 2016: cap. L, 86: «e dise a Sarafes que nom ferise senam depois que os visse envoltos com os contrairos, e que ferise por outra parte pera que os tomassem no meio».

<sup>37</sup> ESG, 2016: cap. L, 86: «todos deziã a gramdes vozes: "Mortos somdes, que nom pode de vós nhum escapar que vosso rei Tolomer é perdido!"».

<sup>38</sup> ESG, 2016: cap. L, 87.

<sup>39</sup> CDJ, 1990: cap. XXIX a XXXV e CDJ, 1977: cap. XXX a XXXVI.

<sup>40</sup> CDJ, 1990: cap. XXXVI, 91 e CDJ, 1977: cap. XXXVII, 84.

<sup>41</sup> CDJ, 1977: cap. XXXVIII, 84: «E na primeira que he chamada auanguardia era o Comdestabre, com sua bandeira tendida e dobrados escudeiros jumto com elle por guarda della e de seu corpo. E nesta aaz auya seisçemtã lamças, e mais nom.».



ala esquerda encontravam-se portugueses sob Antão Vasques e os estrangeiros, no total de 200 homens; e na retaguarda estava o Rei com a sua bandeira, comandando 700 homens<sup>42</sup>. É ainda descrito a veste do monarca: «huum loudel em cima semeado de rrodas de ramos, e em meo outras rodas e escudos de Sam Jorge» (CDJ, 1977: cap. XXXVIII, 85 ou CDJ, 1990: cap. XXXVII, 93).

É depois narrado como os Castelhanos passaram pela ala esquerda portuguesa, esperando confundi-los, mas estes rapidamente alteram a ordem da batalha, simplesmente invertendo a retaguarda com a vanguarda<sup>43</sup>. Depois de referir algumas promessas dos nobres portugueses<sup>44</sup>, Fernão Lopes relata o posicionamento dos Castelhanos: a sua vanguarda tinha mil e seiscentas lanças, sendo nomeados inúmeros nobres castelhanos e portugueses que a compunham; uma das alas, comandadas pelo Mestre de Alcântara, tinha setecentos homens de armas; a outra, de igual tamanho, era comandada por Pedro Álvares Pereira, Mestre de Calatrava e irmão do Condestável Nuno Álvares Pereira; na retaguarda estavam três mil homens, dispostas em três azes de mil lanças cada<sup>45</sup>.

Segue-se um capítulo onde são elencados e nomeados os companheiros de armas de D. João I e quais foram feitos cavaleiros após a batalha<sup>46</sup>. De seguida é relatado o regresso de João Fernandes e Egas Coelho, dois fidalgos da Beira, que, após vencerem em Trancoso, vieram reunir-se com o rei, mesmo sendo eles os únicos fidalgos dessa região a comparecer. Os restantes não se mostravam interessados em partir porque pensavam que iriam para uma batalha já perdida<sup>47</sup>. Depois, Fernão Lopes refere quem tinha o «cuydado de rogar a Deus pello estado destes reis» (CDJ, 1977: cap. XLI e CDJ, 1990: cap. XL) onde é descrito que pelo Rei de Portugal apenas Lisboa tinha o cuidado de rezar sendo o monarca solteiro e sem parentela.

No capítulo seguinte é dado início à narrativa das hostilidades, começando por se reproduzir o discurso do Condestável português, dizendo aos seus como deviam agir e lhes lembrava que a causa que defendiam era justa e que Deus, Nossa Senhora e São Jorge estariam do seu lado:

«Todos andassem muyto passo quando os castellaños mouessem, e ao juntar esteuessem quedos e firmassem bem os pees, teendo as lanças dereitas, apertadas so o braço, o majs perlongadas que podessem ; e quando os emijgos chegassem, que posessem as lanças em elles de guysa que prendessem, e entom botassem

---

<sup>42</sup> CDJ, 1977: cap. XXXVIII, 84-85 ou CDJ, 1990: cap. XXXVII, 91-92.

<sup>43</sup> CDJ, 1977: cap. XXXVIII, 86: «E elles passaram da parte da alla ezquerda (...) E passou a avanguarda pella reguarda, damdo-sse logar huuns aos outros...». Igual a CDJ, 1990: cap. XXXVII, 93.

<sup>44</sup> CDJ, 1977: cap. XXXVIII, 86-87 e CDJ, 1990: cap. XXXVII, 93-94.

<sup>45</sup> CDJ, 1977: cap. XXXVIII, 87-88 e CDJ, 1990: cap. XXXVII, 94-95.

<sup>46</sup> CDJ, 1977: cap. XXXIX e CDJ, 1990: cap. XXXVIII, respetivamente.

<sup>47</sup> CDJ, 1977: cap. XL, 90: «faziam conta que se el-Rey de Castella vençesse, o que todos cuydauom que auya de seer...». Veja-se também CDJ, 1977: cap. XXXIX, 98.

quanto podessem; e os que esteuessem detras que chegar nom podessem com as lanças, que botassem os outros ante ssy; louuando-os com boom e ledo sembrante, e esforçando-os que nom temessem ssua multidom, nem as ameaças que mostrauom com seus apupos e allarjdos, ca tudo he huum pouco de vento que dhi a breue espaço auya de çessar; e que fossem fortes e esforçados, auendo grande fe em Deus por cujo seruyço ally eram vijndos, defendendo justa querella por sseu reyno e por a Ssanta Egreia; e que a Madre de Deus, cuja vespóra emtam era, seria (a)vogada por elles, e o preçiosso martir Sam Jorge seu capitam e ajudador ; dizendo que aquell era boon dya, que todos deseiauom por percalçar muyta honra, em que sseus grandes trabalhos auyam de çessar per vitorya»<sup>48</sup>.

De seguida relata-se as preparações que fazia o rei D. João I na retaguarda, seguindo o que "aquell doutor"<sup>49</sup> tinha escrito no seu *Post hec Rex Portugallie*. De manhã cedo tinha-se confessado, recebendo o Santo Sacramento e a bênção do arcebispo de Braga, tomando «deuotamente o sinal da ssanta cruz, poendo-a em seu peito de coor vermelha, e mandou aos sseus que assy o fizessem.»<sup>50</sup>. Depois o monarca discursa perante as suas tropas, sendo a fala reproduzida por Fernão Lopes. Esta cita o exemplo bíblico de Judas Macabeu, defendendo que a causa portuguesa era justa e sagrada, e que seria fácil a Deus dar-lhes a vitória:

«E estonçe, husando o custume de Judas Macabeo, como diz aquell doutor, começou desforçar os sseus, dizendo a todos: Amygos senhor(es), nom embargando que nossos emmygos venham a nos em muyto grande multidom como veedes, nom queiraes temer o espanto que pooem, como ja dixé, mas sseede fortes e nom temaaes nada, pois que ligeira cousa he ao Senhor Deus sojugar muytos em mãos de poucos. E pois elles veem a nos com gram ssoberba e desprezamento por nos destruyr e roubar e tomar molheres e filhos e quanto nos acharem; e nos, por nossa defemssom e do reyno e da nossa madre Ssanta Egreja, pellegemos com elles; uos veeres oge como todos sseram vemicidos e deribados ante nos. E por em, em nome de Deus e da Virgem Maria cujo dia amenhaã he, seiamos todos fortes e prestes pera tomar delles vyngança, a quall teemos tanto na mão como todos bem vedes»<sup>51</sup>.

Igual apelo faz de seguida o arcebispo de Braga, que levantando a «cruz de prata (...) com que costumava visitar as egrejas»<sup>52</sup>, absolve alguns dos seus pecados e

---

<sup>48</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 94-95. Veja-se também CDJ, 1990: cap. XLI, 102-103.

<sup>49</sup> O doutor aqui referido é o "Doutor Christophorus", uma das fontes desconhecidas do trabalho de Fernão Lopes e autor de uma crónica em latim sobre D. João I. Sobre esta figura, pouco conhecida, veja-se Monteiro, 1988: 87 e nota 77.

<sup>50</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 95 ou CDJ, 1990: cap. XLI, 103.

<sup>51</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 95. Veja-se também CDJ, 1990: cap. XLI, 103.

<sup>52</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 95. Aqui vemos um dos únicos casos no texto analisado de divergência entre uma e outra edição. Em CDJ, 1990: cap. XLI, 103 pode ler-se «avia amte sy a cruz de Braguua». A mudança de prata para Braga é significativa, embora possa resultar de uma leitura incorreta de uma abreviatura.

confirma as "perdoanças" que o Papa Urbano VI dava aos que lutavam contra cismáticos, como os Castelhanos. Lembra ainda que os homens deviam dizer *Et verbum caro factum est* ao combaterem contra estes, sendo depois explicado o significado da expressão, devido ao desconhecimento do mesmo por alguns dos portugueses<sup>53</sup>.

Posteriormente, é descrito o lado castelhano, que é o oposto do português. A batalha estaria ganha e, portanto, não «auya mester dar esforço a nenhuma gente nem outra fouteza pera pellejar» (CDJ, 1977: cap. XLII, 96). Depois relata-se como nos momentos que antecederam a batalha, cerca de 30 portugueses tentaram fugir, sendo todos mortos, de forma pouco gloriosa, pelos cavaleiros castelhanos<sup>54</sup>. No entanto, a morte destes é transmitida como algo positivo, pois deu força aos restantes homens que vendo o fim dos que tinham «fraqueza de coração», antes queriam «morrer como homeens».

Após este curto episódio inicia-se a narrativa da batalha, que é começada pelo disparo de trons, pequenas peças de artilharia. O único dano significativo feito por estes foi a morte de dois escudeiros, sendo rapidamente explicado como era um sinal de Deus, uma vez que estes tinham sido vistos a matar um padre não muito tempo antes<sup>55</sup>. Entretanto, dá-se a carga da vanguarda castelhana, que, devido ao seu número muito superior, foi obrigada a comprimir-se, ficando tão curta como a portuguesa. Fernão Lopes passa ao relato do combate entre as vanguardas, sendo sintético, pois, segundo o próprio, não deseja contar «fabullas patranh(os)as»<sup>56</sup>. Após isto, os castelhanos conseguem criar uma brecha, começando muitos a atravessar a linha inimiga, incluindo o porta-estandarte de Castela<sup>57</sup>. As alas portuguesas tentam responder, mas sem grande resultado, devido ao grande número de inimigos, ficando Mem Rodrigues, seu comandante, ferido. D. João I, isto vendo, decide avançar com a sua retaguarda, de forma a apoiar o Condestável. Ao entrar em combate, é notado como o monarca «começou a ferir de facha assy desemuolto e com tal uomtade como se fosse huum simprez caualleiro desejosso de guanhar fama» (CDJ, 1977: cap. XLII, 99). Porém, o rei defronta Álvaro Gonçalves de Sandoval, um jovem cavaleiro castelhano de renome, que consegue desarmar o rei e força-o a ajoelhar. No entanto, quando este se prepara para desferir o golpe final, D. João I recupera a sua arma e, quando vai a dar o seu golpe, já

---

<sup>53</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 95-96 e CDJ, 1990: cap. XLI, 103-104.

<sup>54</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 96: «E antes que as batalhas comessem dajuntar, alguuns homeens de pee portugueses ataa trinta, com medo e fraqueza de coração, ssayrom-sse dantre a carryagem (...) e ally os matarom como porcos aa calcada, que nom escapou nenhuum...». Igual em CDJ, 1990: cap. XLI, 104.

<sup>55</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 96-97: «Ca huuma deu na avanguarda do Condestabre e matou dous escudeiros, ambos jrmaãos (...) elle vira aquelles dous homeens emtrar em huuma jgreja e matar huum clerigo...». Veja-se também CDJ, 1990: cap. XLI, 104-105.

<sup>56</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 98. Em CDJ, 1990: cap. XLI, 106 encontra-se «fabulas patranhosas», sendo a leitura da última palavra duvidosa.

<sup>57</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 98 e CDJ, 1990: cap. XLI, 106.

Álvaro Gonçalves estava morto pelos homens que rodeavam o Rei (CDJ, 1977: cap. XLII, 99 e CDJ, 1990: cap. XLI, 107). Por fim é descrito como a batalha estava a ser muito dura no momento em que «prougue a Deus» (CDJ, 1977: cap. XLII, 99 e CDJ, 1990: cap. XLI, 107) que o estandarte castelhano caísse, dando-se início a debandada geral destes.

Este relato é interrompido por Fernão Lopes para contar como o rei D. Juan de Castela vendo os seus homens retirar, começa a «fugyr», partindo primeiro em direção a Santarém, indo depois para Castela<sup>58</sup>.

Voltando a narrativa central, o cronista escreve que, embora os castelhanos já estivessem a retirar, alguns cavaleiros, sob o comando do mestre de Alcântara, Gonçalo Nunes, ameaçavam a «carriagem» portuguesa, onde estavam apenas alguns jovens a pé e todos os mantimentos dos portugueses. Os portugueses defendiam-se como podiam, mas foi necessária a intervenção do Condestável para afastar de vez os castelhanos, que não resistem durante muito tempo, vendo que o seu "senhor" tinha já retirado da batalha<sup>59</sup>. Por fim, é descrita a retirada castelhana, terminando por listar os mortos de renome de um e outro lado<sup>60</sup>.

Uma abordagem sintética das batalhas aqui feita permite apenas vislumbrar um carácter semelhante entre elas: ambas descrevem um confronto de um grupo contra um outro numericamente superior, sendo o segundo derrotado pelo favor e intervenção de Deus. Este protege os fiéis, seguindo o modelo bíblico<sup>61</sup>, contido na história de Judas Macabeu. Mas, à primeira vista, as narrativas parecem ter poucos pontos de contacto. No entanto, ao refletir sobre alguns episódios e imagens específicas, podemos ver, julgo, uma receção e reaproveitamento mais significativo da *Estória do Santo Graal* por Fernão Lopes. São eles:

- A divisão em quatro dos dois exércitos.
- As semelhanças nos discursos introduzidos<sup>62</sup> pelos dois redatores.
- A imagem do cavaleiro branco com a cruz vermelha, e a sua possível relação com a figura de São Jorge.

---

<sup>58</sup> CDJ, 1977: cap. XLIII e XLIV e CDJ, 1990: cap. XLII e XLIII.

<sup>59</sup> CDJ, 1977: cap. XLV, 106: «Em esto, vemdo os castellaãos que seu senhor avja fogido e que a batalha de cada parte se vemçia...». Igual a CDJ, 1990: cap. XLIV, 114.

<sup>60</sup> CDJ, 1977: cap. XLV e CDJ, 1990: cap. XLIV.

<sup>61</sup> Segue quase a letra o discurso de Judas Macabeu, relatado nos versículos 10 a 25 do 3 capítulo do 1º Livro de Macabeus do Antigo Testamento: «Mal viram o exército que vinha contra eles, os companheiros disseram a Judas: “Como poderemos enfrentar tamanho exército, se somos tão poucos e nos sentimos debilitados pelo jejum de hoje?” Mas Judas respondeu-lhes: “E fácil entregar uma multidão nas mãos de poucos; para o Deus do Céu não há diferença entre salvar com uma multidão ou com um punhado de homens, porque a vitória no combate não depende do número, mas da força que vem do Céu. Esta gente vem contra nós com impiedade e orgulho, para nos aniquilar juntamente com as nossas mulheres e os nossos filhos e nos saquear. Nós, porém, lutamos pelas nossas vidas e pelas nossas leis. O próprio Deus esmagá-los-á diante dos nossos olhos. Não tenhais medo deles», *Bíblia Sagrada* (coord. H. Alves, 2003).

<sup>62</sup> Digo «introduzidos» pois os discursos relatados em Fernão Lopes, embora pretensamente reais, são uma criação do autor, que simula o que pensa ser apropriado.

– A perda e recuperação da arma por parte de um personagem central, Sarafes e D. João I, como momento central e decisivo do recontro.

Analisamos, por ordem, estes pontos.

Como no resumo de ambos os relatos se mostrou, na ESG e na CDJ, ambos os exércitos são divididos em quatro partes. Esta divisão pode conter uma breve alusão, ainda que muito ténue, à cruz tradicional (de quatro pontas). Desta forma seria mais um elemento cristão que ecoaria entre as duas batalhas.

No entanto, existe uma pequena diferença entre os dois relatos, pois na ESG todas as "batalhas" são de igual número e na CDJ existem duas partes claramente mais numerosos: a vanguarda e a retaguarda, comandadas pelo Condestável Nuno Álvares Pereira e pelo monarca D. João I, respetivamente. Esta superioridade, também patente na simbologia deste relato, é cimentada pois este foca-se, quase exclusivamente, nestas duas personagens. Olhando a intencionalidade narrativa de Fernão Lopes é fácil de compreender esta diferenciação. Toda a sua obra é construída de forma a veicular uma mensagem, favorável ao monarca e ao Condestável, de consolidação de um regime recém-implementado.

Mas é interessante notar que, na ESG, o autor utiliza um mecanismo semelhante, focando a narrativa também em duas figuras. Nos momentos finais da batalha entre Evalac e Tolomer, chega-se inclusive a redividir-se as tropas apenas em duas partes, comandando o Rei uma e Sarafes a outra, consolidando algo que desde o início da batalha era claro. Estas duas personagens são mais importantes no grande plano que os outros dois comandantes, Archimedes, sobrinho de Evalac, e o mordomo, dedicando a narrativa, como mostrei, muito mais tempo aos dois primeiros. Mais uma vez, olhando ao contexto geral da obra, percebemos que Evalac e Sarafes são realmente as duas personagens centrais, aquelas que iniciam as linhagens que estruturam o ciclo daí em diante<sup>63</sup>.

Mas, como referi, a divisão em quatro dos dois exércitos pode não passar de uma interessante coincidência.

Quanto ao segundo ponto, o das semelhanças entre os discursos de cada um dos relatos, focar-me-ei numa passagem específica, ou seja, na "fala" que antecede a batalha, em que Evalac apela aos seus homens para serem fortes, pois encontravam-se em grande desvantagem. Tenta tranquilizá-los, dizendo-lhes que «no começo sofraes muito, e se os vós sofrerdes, achá los eis muito em outra maneira, que eles nom são senão no começo» (ESG, 2016: cap. IL, 75). Ora, no discurso de Nuno Álvares Pereira este não só dá conselhos práticos aos seus homens<sup>64</sup>, como também os tenta acalmar perante a superioridade numérica castelhana, dizendo a seus homens que...

---

<sup>63</sup> Josefes também tem uma enorme importância, mas não participa diretamente na batalha, não sendo por isso aqui referido.

<sup>64</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 94: «Todos andassem muyto passo quando os castellaños mouessem, e ao juntar esteuessem quedos e firmassem bem os pees, teendo as lanças dereitas, apertadas so o braço, o majs perlongadas que podessem; e quando os emijgos chegassem, que posessem as lanças em elles de

«...nom temessem ssua multidom, nem as ameaças que mostruom com seus apupos e allarjdos, ca tudo he huum pouco de vento que dhi a breue espaço auya de çessar; e que fossem fortes e esforçados» (CDJ, 1977: cap. XLII, 94-95 e CDJ, 1990: cap. XLI, 102-103).

Embora expressos com palavras diferentes, o encorajamento é o mesmo: se eles aguentassem a carga inicial, veriam que a superioridade numérica inimiga não seria tão avassaladora. Para vencerem, teriam de aguentar firmes esse primeiro choque. Mais uma vez, embora possa ser difícil criar uma ligação filial entre um e outro texto, existem formas comuns de resolver questões semelhantes.

Atentemos agora numa personagem que, na minha opinião, merece alguma reflexão: o Cavaleiro Branco<sup>65</sup>. Esta figura aparece primeiro na ESG, sendo decisiva a sua participação. É como que uma manifestação física da vontade de Deus que, depois da prece de Evalac, surge do mato, e ajuda este a vencer o seu inimigo. Mas atentemos um pouco na descrição que dele é feita no texto: «ũu cavaleiro todo armado, o elmo emlazado e o escudo como um cristal, e nele de vermelho ãu sinal de ãa cruz» (ESG, 2016: cap. L, 84). Mais a frente no texto a imagem é completada com a referência a veste branca, a lança com pendão – «o cavaleiro bramco com um pemdam e ãua lamça» – e a espada – «e pos mão a espada...» (ESG, 2016: cap. L, 85). Portanto temos um cavaleiro de branco, com um escudo em cristal, com uma cruz vermelha nele, transportando um pendão, uma lança e uma espada. Nesta descrição são evidentes vários elementos da iconografia do mártir São Jorge, patrono da cavalaria. Este é tradicionalmente representado como um cavaleiro, de armadura, com um escudo com uma cruz, espada e lança. A sua bandeira, muitas vezes representada como pendão, é de fundo branco com uma cruz vermelha<sup>66</sup>.

Este santo, embora seja objeto de um culto bastante antigo, sobretudo no Oriente, conhece uma verdadeira explosão no Ocidente no século XI à XIV<sup>67</sup>, muito devido às Cruzadas. Um dos primeiros grandes testemunhos que ajudaram a sua popularidade

---

guysa que prendessem, e entom botassem quanto podessem; e os que esteuessem detras que chegar nom podessem com as lanças, que botassem os outros ante ssy». Veja-se também CDJ, 1990: cap. XLI, 102-103.

<sup>65</sup> Sobre a ligação entre este personagem, o escudo de Mordaim e o romance final do ciclo, veja-se Correia (2004). Este estudo foca mais a sua atenção em matérias contidas na *Demanda do Santo Graal* portuguesa bem como nas versões castelhana e francesa, mas avança algumas ideias pertinentes no que respeita a ESG.

<sup>66</sup> Para mais informações acerca deste santo e a sua iconografia veja-se a entrada relativa a este em Réau (2001).

<sup>67</sup> Durante este período torna-se santo padroeiro de vários Reinos (Inglaterra e Aragão) bem como Génova e outros espaços. A sua difusão em Portugal verifica-se sobretudo a partir da crescente ligação entre Portugal e Inglaterra no contexto das guerras fernandinas. No entanto existe sempre uma certa confusão entre São Jorge e o seu "antecessor", Santiago. Sobre esta questão ver a útil síntese em Barroca (2015).

prende-se com a sua intervenção na Batalha de Antioquia<sup>68</sup>, onde este Santo surge e lidera a carga decisiva, como ficou narrado em crónicas e compilações de santos coevas<sup>69</sup>. Encontramos depois alguns relatos semelhantes, por exemplo, na batalha de Alcoraz.

Ora, este santo está umbilicalmente ligado à instituição da Cavalaria, sendo a manifestação mais acabada de uma fusão entre os seus valores com os valores cristãos, o protótipo do *miles christi*, um verdadeiro apóstolo aos cavaleiros. Portanto é natural que surja no momento crucial da narrativa da ESG, que se constrói como um texto para-bíblico, onde se funde, em certa medida, a narrativa cristã (ou uma interpretação desta) com os ideais da cavalaria. Representado como o Cavaleiro Branco, São Jorge<sup>70</sup> entra na narrativa salvando a vida do primeiro rei cristão, Evalac, e auxiliando o primeiro cavaleiro cristão, Sarafes, à semelhança da sua participação na batalha de Antioquia.

Já no relato da batalha de Aljubarrota a interferência divina é menos visível, não existindo um cavaleiro que, fisicamente, auxilie os portugueses. Mas a figura de São Jorge esta bem presente. Este é nomeado como um dos protetores dos portugueses no discurso de Nuno Álvares Pereira – «e que a Madre de Deus, cuja vespora emtam era, seria (a)vogada por elles, e o preçioso martir Sam Jorge seu capitam e ajudador» (CDJ, 1977: cap. XLII, 94-95 e CDJ, 1990: cap. XLI, 102-103) – e o seu escudo está presente na veste do monarca – «huum loudel em cima semeado de rrodas de rramos, e em meo outras rodas e escudos de Sam Jorge» (CDJ, 1977: cap. XXXVIII, 85 ou CDJ, 1990: cap. XXXVII, 93). É ainda usado como grito de guerra pelos portugueses, sendo justaposto com o grito castelhano – «Portugall e Sam Jorge!, e dos emmjgos: Castilha! Samtiago!» (CDJ, 1977: cap. XLII, 97 ou CDJ, 1990: cap. XLI, 105). Dos três cronistas da batalha de Aljubarrota, apenas Fernão Lopes estabelece esta relação entre Portugal e São Jorge. O

---

<sup>68</sup> Sobre esta batalha veja-se Runciman (1992). Na célebre *Legenda Aurea*, esta intervenção não se passa em Antioquia, mas sim em Jerusalém, sendo admissível que se trate de uma confusão de Tiago de Voragine. Veja-se Roze (trad. 1967).

<sup>69</sup> É ainda interessante de perceber que existe uma tradição ibérica muito semelhante, na narrativa da Batalha de Clavijo, onde Santiago surge como cavaleiro e auxilia Ramiro I a derrotar os Mouros, tornando-se assim "Santiago Matamouros" – ver Correia (2005) e Miranda (2010). A relação entre os diferentes relatos de "anjos cavaleiros" ainda está por estudar na sua globalidade, mas tal afastar-se-ia em demasia do tema que aqui me ocupa. Esta semelhança pode ainda estar na origem na "confusão" entre São Jorge e Santiago verificada em Portugal.

<sup>70</sup> Não sendo de ignorar que a iconografia tradicional de São Jorge possuiu essa mesma cruz vermelha, é também de ter em conta que, tal como é referido nos comentários que acompanham a edição da ESG, o Cavaleiro Branco é uma figura de Cristo, no sentido hermenêutico do termo, que tem o seu ponto de partida no *Livro do Apocalipse*, 19, 11-16. A sua função no relato, como emissário divino, é diversa do mártir guerreiro representado no Santo. No entanto, parece possível que exista uma utilização multifacetada da figura do Cavaleiro Branco, não só como *símile* de Cristo, como também como São Jorge, na sua vertente guerreira. Ambas representações, embora diversas, como digo, não são mutuamente exclusivas, uma vez que a figuração bélica de Cristo em muito partilha com a representação de São Jorge, conhecida e divulgada nas crónicas relativas as Cruzadas. Já no que toca a utilização da imagem por Fernão Lopes, parece evidente que, até pela sua cronologia, este poderá bem ter procedido à fusão de ambas características. Sobre esta questão, ver ainda Riddy (2000).



relato de Pero Lopez de Ayala não dá grandes pormenores das forças "inimigas" focando-se quase exclusivamente nos vários conselhos dos nobres castelhanos e no rei D. Juan, reduzindo a batalha a escassos passos. Já Froissart, apenas associa este santo aos Ingleses presentes no séquito português, tendo em conta que o seu relato da batalha é enviesado para as matérias anglo-francesas<sup>71</sup>. Este último, chega a escrever, curiosamente, que o grito de guerra dos portugueses era: «Nossa Senhora! Portugal!» (Froissart, cap. 20, p. 40)<sup>72</sup>.

Em paralelo com a omnipresença da figura de São Jorge em ambos os relatos, surge-nos a cruz vermelha, presente tanto no escudo de Evalac como no peito de D. João I.

Evalac recebe-a das mãos de Josefes, que a prega ao seu escudo, como vimos. Quando é destapada, o Rei vê «ũ homem crucificado que parecia que por os pes e mãos deitava sangue» (ESG, 2016: cap. L, 84), ou seja, a simples cruz passa a uma representação da Paixão de Jesus Cristo. Justaposto com a revelação deste «sinal da cruz» (ESG, 2016: cap. L, 84) surge o Cavaleiro Branco e a subsequente vitória. Ora, quase com as mesmas palavras, Fernão Lopes descreve como D. João I, depois de receber «o ssanto sacramento e beençom do arcebispo», «tomou deuotamente o sinal da ssanta cruz, poendo-a em seu peito de coor vermelha» (CDJ, 1977: cap. XLII, 95 e CDJ, 1990: cap. XLI, 103). Pode existir aqui uma certa confusão entre este sinal com os próprios escudos de S. Jorge, também com cruz vermelha, que já estavam na veste do monarca. Mas é precisamente o facto de o cronista usar uma descrição diferente que me leva a colocar estas duas passagens em paralelo. Ambas parecem representar, alegoricamente, a relação entre Deus e o Rei. Esta é mediada pela igreja, na pessoa do Arcebispo de Braga e de Josefes, o primeiro bispo. Ambos os monarcas transportam consigo o sinal do maior sacrifício cristão, a Paixão de Cristo, sendo-lhes transmitido pelas autoridades da religião<sup>73</sup>.

Passando à análise do último ponto, o da perda e recuperação da arma por parte de um dos protagonistas, é de observar que na ESG, ao longo da batalha, Sarafes<sup>74</sup> por duas vezes é derrubado e ferido com gravidade. Em ambos os momentos fica despojado da sua arma. Na primeira vez, embora tenham passado sobre ele «trezemos cavalos» e todos o julgarem morto – «E todos cuidavam que era morto» (ESG, 2016: cap. L, 82) –

---

<sup>71</sup> Quando se relata o lado castelhano, este cronista refere mais nomes de nobres franceses ou gascões do que castelhanos.

<sup>72</sup> É interessante ver que na fala de Nuno Álvares Pereira, Nossa Senhora é referida a par de São Jorge, embora a menção de Nossa Senhora é acompanhada da referência temporal, pelo facto de a batalha se desenrolar na véspera do seu dia de celebração (15 de agosto).

<sup>73</sup> Parece existir aqui alguma consideração acerca da relação entre o poder espiritual e o poder temporal, do monarca com Deus, sendo que ambos os textos parecem apontar para a existência de uma ligação entre os dois, mediada pela igreja. No entanto, penso ser necessário um estudo mais exaustivo para poder avançar esta ideia de uma forma segura.

<sup>74</sup> Depois da batalha será batizado e tomará o nome de Nascimento, dando origem à linhagem escolhida, onde se encontram Lançarote e Galaaz.



este acaba por se levantar e recuperar a sua acha que tinha caído com ele, regressando ao combate<sup>75</sup>. No segundo momento, a situação foi ainda mais difícil. Atacado por sete cavaleiros, Sarafes acabou por cair do cavalo, devido aos muitos ferimentos e a perda de sangue<sup>76</sup>. Apenas a intervenção do Cavaleiro Branco o salva, sendo este que desbarata os sete inimigos, matando três deles<sup>77</sup>. Mas isto não era o final de Sarafes, pois volta a levantar-se, entregando-lhe Evalac um cavalo. No entanto, faltava-lhe a sua acha, que deveria ter caído com ele. Então, o Cavaleiro Branco dá-lhe uma nova arma, uma acha enviada por Jesus Cristo<sup>78</sup>. Através desta dádiva, Sarafes recebe algo que pode ser entendido como um mandato divino de empunhar armas, existindo neste gesto uma clara intenção, por parte do redator, de proceder a uma espécie de investidura naquilo que mais tarde virá a ser entendido como uma verdadeira «ordem»<sup>79</sup>.

No relato de Fernão Lopes<sup>80</sup>, é descrito que, pouco depois de D. João I entrar efetivamente no combate, enfrenta Álvaro Gonçalves de Sandoval, um cavaleiro castelhano. Este era, segundo o cronista, «bem mançebo e de boom corpo, ardido caualeiro, casado daquell anno» (CDJ, 1977: cap. XLII, 99 ou CDJ, 1990: cap. XLI, 107). O monarca, ao confrontar-se com este cavaleiro, levanta a sua "facha", tentando desferir um golpe. No entanto, este é recebido por Álvaro Gonçalves, que o para de tal forma que retira a arma a D. João I e o obriga a ajoelhar. Mas, quando, vitorioso, se preparava para desferir um golpe no monarca ajoelhado, Álvaro Gonçalves é vítima do seu ardid, tendo D. João esperado o golpe e recuperado a sua arma. No entanto, Fernão Lopes explícita que não foi o próprio monarca a matar Álvaro Gonçalves, permanecendo anónimo quem desferiu o golpe derradeiro<sup>81</sup>. Aqui não só é a figura régia que empunha

---

<sup>75</sup> ESG, 2016: cap. L, 82: «Depois que Sarafes cobrou alento, trabalhou por se levamtar e ergueo se em pee e tomou na mão a acha que lhe no campo caio...».

<sup>76</sup> ESG, 2016: cap. L, 85: «e vio que sete cavaleiros tratavam mui mal a Sarafes com outra gemte, e tinham lhe o cavalo por o freio, damdo lhe mui gramdes golpes por cima da loriga, trabalhamdo por o chegar a morte. (...) e Sarafes ficou mui quebrantado e fraco do muito samgue que perdera, e caio no chãao».

<sup>77</sup> ESG, 2016: cap. L, 85: «Emtão o cavaleiro bramco foi ferir no primeiro que alcança, lhe meteo por o coração e quebrou a lamça, e pos mão à espada e, de ùu golpe, cortou a outro a cabeça e a outro talhou por o meio. E os outros, quamdo isto viram, o leixaram...».

<sup>78</sup> ESG, 2016: cap. L, 86: «respomdeo o cavaleiro bramco: "Sarafes, toma esta acha que Jhesuu Cristo te mamda!». Existe uma certa ambiguidade no facto de Jesus Cristo "mandar". Seria a acha enviada por Jesus Cristo ou ele simplesmente mandava Sarafes aceitar a acha? Eu penso que possa ser visto como um duplo sentido. A autoridade divina não só envia uma arma com um valor especial, como ordena que Sarafes a empunhe.

<sup>79</sup> Cf. Flori (1986).

<sup>80</sup> Fernão Lopes é o único que menciona esta passagem. O episódio que descreverei é omissa tanto em Pero Lopez de Ayala como nos dois relatos de Froissart.

<sup>81</sup> CDJ, 1977: cap. XLII, 99: «E como el-Rey alçou a facha, feçemdo pera lhe dar, ell reçebeo o golpe, e traou per ella, e tirou tam rijo que lha leouo das mãos e feze-o ajeolhar dambolos geolhos; e foy logo leuantado. E quando Aluaro Gonçaluez leuantou a facha pera lhe dar com ella, el-Rey esperou o golpe, e tornou-lha a tomar per aquella guysa; e quando lhe qujsera outra vez dar, jazia ja morto pellos que eram presentes que o majs a pressa fazer nom poderom...». Igual a CDJ, 1990: cap. XLI, 107.

a arma e não o "cavaleiro cristão"<sup>82</sup> (Sarafes), como não é uma figura sobrenatural (cavaleiro branco) que lhe entrega a arma, sendo o próprio a recuperá-la.

Isto aponta para uma mensagem diferente que o cronista pretende transmitir face a ESG, embora use uma imagem semelhante<sup>83</sup>: a perda da arma, que é, em ambos os casos, uma «acha ou facha»<sup>84</sup>. Na Crónica de D. João I, vemos um maior ênfase na figura régia e no seu valor, sendo desvalorizado o papel de muitas outras personagens, com a exceção de Nuno Álvares Pereira. É o monarca a personagem central e a mensagem transmitida foca-se em torno do seu direito justo de governar. Ele não só tem o valor militar de um cavaleiro, empunhando as armas com destreza, como também é favorecido por Deus, sobretudo num combate contra os "cismáticos" castelhanos. Face a ESG, ele combina numa só figura a destreza nas armas de Sarafes e a sua acha com o perfil régio de Evalac e o seu escudo com uma cruz vermelha, que no caso de D. João, estava na sua veste. À semelhança de Evalac, D. João confia no auxílio divino, e recebe-o. Mas não necessita de um Cavaleiro Branco ou de Sarafes para conseguir a vitória, afirmando assim o seu direito a reinar.

Na ESG, a batalha relatada serve como momento paradigmático da fundação dos dois pilares essenciais da sociedade posterior, a monarquia e a cavalaria, representados, respetivamente, por Evalac e Sarafes. Nela também se desenham, alegoricamente, as responsabilidades de cada um. O primeiro deve cuidar do segundo, assim como um rei deve cuidar dos seus cavaleiros<sup>85</sup>. Este último deve combater para tentar defender Evalac, assim como um cavaleiro deve proteger o seu Rei<sup>86</sup>. Ambos são protegidos e confiados nesta posição por Deus, recebendo por intermediários, dois símbolos de poder: o escudo de Evalac, dado por Josefes; e a acha de Sarafes, dada pelo Cavaleiro Branco. Um tem uma arma defensiva, devendo cuidar, proteger e recompensar; o outro recebe uma arma ofensiva, tendo o dever de combater e defender pelas armas.

Já a batalha de Aljubarrota serve como corolário do processo de afirmação do poder régio e militar de D. João I, bem como do seu carácter divino, cimentando a posição não só do monarca como da nova dinastia.

---

<sup>82</sup> Embora a sua conversão seja posterior, já durante esta batalha o autor da ESG explícita que Sarafes é protegido por Cristo, intercedido por Evalac. Estabelece-se dessa forma um curioso triângulo entre monarquia, cavalaria e clerezia, já apontado por Miranda (1993).

<sup>83</sup> É também este o episódio que mais aponta para o conhecimento e o aproveitamento da ESG por Fernão Lopes, devido às várias semelhanças e ao facto de ser o único cronista que o relata.

<sup>84</sup> A acha e a facha podem ser sinónimos, embora também se possa tratar de armas ligeiramente diferentes. A acha seria um machado de duas cabeças mas de uma mão só, e a facha é geralmente de duas mãos.

<sup>85</sup> Veja-se por exemplo, o facto de Evalac rezar e pedir a Deus que salve Sarafes: «E se guarde oje o corpo a Sarafes, meu amiguo, de periguo e de morte (...) ca todo aquele dia aguardou Deos Sarafes...» (ESG, 2016: cap. II, 76.), ou o momento em que Evalac toma um cavalo para levar a Sarafes: «Emtão el rei se foi a ãu cavaleiro e derribou do cavalo a terra, e tomou o cavalo, e trouxe o a Sarafes, e dise lhe: "Amiguo meu, tomade este cavalo"» (ESG, 2016: cap. L, 85).

<sup>86</sup> ESG, 2016: cap. L, 83: «Sarafes ouve mui grã pesar e jurou de amtes no campo morrer que perder el rei.».

Através da análise destas duas batalhas e de alguns episódios nelas contidos, penso conseguir dizer que existe uma relação entre a *Estória do Santo Graal* e a *Crónica de D. João I*. Apesar de ambos se inserirem em universos narrativos muito distintos e, sobretudo, pretenderem transmitir conceitos diversos do poder régio e cavaleiresco e da sua relação com a esfera divina<sup>87</sup>, fazem uso de certas imagens e alegorias semelhantes, parecendo-me quase certo que Fernão Lopes conhecia este primeiro tomo do Ciclo Arturiano, usando-o e moldando alguns dos seus elementos para a sua narrativa, conferindo-lhe assim maior força.

No entanto, penso que apenas uma análise mais profunda dos dois textos, com um maior conhecimento de ambos e das suas fontes respetivas<sup>88</sup> permitiria uma maior segurança nesta conclusão que avanço. Este trabalho fez apenas um pequeno ensaio do que poderia (e deveria) ser feito a uma maior escala na comparação entre matérias arturianas (ou outras) e Fernão Lopes, de forma a melhor conhecer, contextualizar e compreender este tão importante cronista e os seus textos. Estes estudos também seriam importantes, para entender a receção dos textos arturianos em Portugal.

## Bibliografia:

### Fontes impressas:

Porrallis, Pedro (ed.? 1591), *Pero Lopez de Ayala, Coronica del serenissimo Rey Don Pedro, hijo del Rey Don Alonso de Castilla [juntamente con la del Rey don Enrrique su hermano y la de don Iua[a] primero ... su hijo.]*, Pedro Porrallis, Pamplona. Disponível online em URL: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/coronica-del-serenissimo-rey-don-pedro-hijo-del-rey-don-alonso-de-castilla-juntamente-con-la-del-rey-don-enrrique-su-hermano-y-la-de-don-iuaa-primero--su-hijo>, consultado a 11/06/17.

Miranda, José Carlos R.; Ailenni, Simona; Correia, Isabel; Laranjinha, Ana Sofia; Rabaçal, Eduarda (eds. 2016), *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)*, Porto, Estratégias Criativas.

---

<sup>87</sup> Tem sido apontada a dependência da ideologia cavaleiresca presente no ciclo arturiano em prosa do chamado «augustinismo político» – cf. Arquillière (1934); Kennedy (1957); Miranda (1998) –, enquanto as ideias sobre o poder régio e sua relação com a cavalaria em Fernão Lopes se orientam por outros padrões. Sobre o assunto, ver Rebelo (1983; Monteiro (1988); Ferreira.

<sup>88</sup> O estudo sistemático e aprofundado das fontes de Fernão Lopes está ainda por fazer, sendo matéria ainda algo controversa. Já quanto a ESG, é urgente estender, numa perspectiva comparada, o inquérito sobre as batalhas aqui estudadas a outros relatos de batalhas com a intervenção de «anjos cavaleiros» como por exemplo, as já mencionadas Batalhas de Clavijo e de Antioquia. Sobre o assunto, ver Miranda (2010).

Laranjinha, Ana Sofia & Barroca, Mário Jorge (eds. 2008), *Jean Froissart, Crónicas: duas passagens relativas a Aljubarrota* (tradução do francês medieval), Aljubarrota, Fundação Batalha de Aljubarrota.

Almeida, M. Lopes & Basto, Magalhães (eds. 1990), *Fernão Lopes, Crónica de D. João I*, Barcelos, Livraria Civilização Editora, vol. 2.

Entwistle, William (ed. 1977), *Fernão Lopes, Cronica del Rei Dom Joham I*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 2.

Roze, J.-B. M. (trad. 1967), *Jacobus de Voragine, La Légende dorée*, Paris, Garnier Flammarion, vol. I, pp. 296-301.

### Obras consultadas:

Arquillière, H.-X. (1934), *L'augustinisme politique*, Paris, J. Vrin.

Barroca, Mário Jorge (2015), "S. Jorge e o Dragão: uma escultura da oficina de Mestre João Afonso procedente de Marecos (Penafiel)", in *Portugália*, 36, pp. 91-106.

Alves, Herculano (coord. 2003), *Bíblia Sagrada (para o terceiro milénio da encarnação)*, 4ª edição, Fátima, Difusora Bíblica.

Correia, Isabel Sofia Cálvario (2005), "O escudo e o cavaleiro branco. Do *Livro Português de José de Arimateia* à *Demanda do Santo Graal*", in A. S. Laranjinha e J. C. Ribeiro Miranda (eds.), *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Porto, Universidade do Porto, pp. 141-152.

Flori, Jean (1986), *L'Essor de la Chevalerie: XI-XII siècles*, Genève, Droz.

Kennedy, Elspeth (1957), "Social and Political Ideas in the French Prose *Lancelot*", in *Medium Aevum*, 26, pp. 90-106.

Miranda, José Carlos Ribeiro (1993), "Realeza e cavalaria no *Livro Português de José de Arimateia*, versão portuguesa da *Estoire del Saint Graal*", in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, pp. 157-161. URL: <http://www.ahlm.es/IndicesActas/ActasPdf/Actas4.3/21.pdf>.

Idem (1988), *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito.

Idem (1999), *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.

Idem (2010), "Do *rex Ranemirus* ao rei Ramiro: emblemas da heráldica literária no Ocidente ibérico entre os finais do séc. XIII e os inícios do séc. XIV", in J. M. Fradejas Rueda et. al. (org.), *Actas del XIII Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval. In Memoriam Alan Deyermond*, Valladolid, Ayuntamiento de Valladolid y Universidad de Valladolid, I, pp. 161-182.

Idem (2013), “Lancelot e a recepção do romance arturiano em Portugal”, in *e-Spania* [online], 16 dezembro 2013. Disponível online em URL: <http://e-spania.revues.org/22778> - consultado a 11/06/17.

Monteiro, João Gouveia (1988), *Fernão Lopes, texto e context*, Coimbra, Minerva.

Rebelo, Luís Sousa (1983), *A Concepção do Poder em Fernão Lopes*, Lisboa, Livros Horizonte.

Réau, Louis (2001), *Iconografia del arte cristiano*, Barcelona, Ediciones del Serbal, t. 2, vol. 4.

Riddy, Felicity (2000), “Chivalric Nationalism and the Holy Grail in John Hardyng’s *Chronicle*”, in Mahoney, Dhira B. (org.), *The Grail. A Case Book*, New York and London, Routledge, 2000, pp. 398-415.

Runciman, Steven (1992), *História das Cruzadas*, Lisboa, Livros Horizonte, vol. 1.





Frontispício da *Crónica de Don Pedro*, de Pero Lopez de Ayala (ver bibliografia)